

A Adaptação das Identidades Sexuais e Religiosas às Desconstruções Pós-modernas

*La adaptación de las identidades sexuales y religiosas a las
desconstrucciones postmodernas*

*The Adaptation of the Sexual and Religious Identities to the post modern
deconstruction*

Gabriel Alves Bresque¹

Resumo

Este artigo reúne quatro diferentes textos para fazer uma reflexão sobre os conceitos de normalidade e patologia nas novas discussões sociais marcadas pela aceitação de diferenças. Depois que a teoria queer e o pós-estruturalismo fizeram desconstruções importantes das definições arbitrárias na sociedade, o normal se tornou uma imagem muito mais flexível e que recebeu muita atenção. A igreja católica e as outras religiões no Brasil também mudaram a relação com o indivíduo e esse artigo quer entender como essa adaptação indica rumos para um novo convívio de diferenças religiosas e sexuais pode ser fundamental para a evolução dessas teorias. No cenário atual do Brasil, essa discussão se faz muito importante, e pode abrir o caminho para um melhor entendimento das identidades sociais e da forma como a diferença pode se tornar um caminho tanto para sociedade mais justa para todos, mesmo que isso signifique uma forte resistência das identidades religiosas. A relação entre essas identidades e a pós-modernidade é feita a partir de uma relação histórica da evolução do conceito de “normalidade” dentro da sociologia, desde Durkheim até as desconstruções do pós-estruturalismo, tudo visto sob o prisma do conservadorismo religioso

Palavras-Chave: Identidade; Normalidade; Religião; Teoria Queer.

Resumen

Este artículo reúne cuatro diferentes textos para hacer una reflexión sobre los conceptos de normalidad y patología en las nuevas discusiones sociales marcadas por la aceptación de diferencias. Después de que la teoría queer y el post-estructuralismo hicieron desconstrucciones importantes de las definiciones arbitrarias en la sociedad, lo normal se convirtió en una imagen mucho más flexible y que recibió mucha atención. La iglesia católica y las otras religiones en Brasil también cambiaron la relación con el individuo y ese artículo quiere entender cómo esa adaptación indica rumbos para una nueva convivencia de diferencias religiosas y sexuales puede ser fundamental para la evolución de esas teorías. En el escenario actual de Brasil, esta discusión se hace muy importante, y puede abrir el camino para un mejor entendimiento de las identidades sociales y de cómo la diferencia puede convertirse en un camino tanto para una sociedad más justa para todos, aunque eso signifique una fuerte resistencia de las identidades religiosas. La relación entre esas identidades y la posmodernidad se hace a partir de una relación histórica de la evolución del concepto de "normalidad" dentro de la sociología, desde Durkheim hasta las desconstrucciones del post-estructuralismo, todo visto bajo el prisma del conservadurismo religioso

Palabras claves: Identidade; Normalidade; Religião; Teoria Queer.

¹ Mestrando em Sociologia na Universidade Federal de Pelotas, Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal de Pelotas (2014), Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. Email: gabriel_bresque@hotmail.com

Abstract

This article brings together four different texts to reflect on the concepts of normality and pathology in the new social discussions marked by the acceptance of differences. After queer theory and poststructuralism made important deconstructions of arbitrary definitions in society, normal became a much more flexible and received much attention. The Catholic Church and the other religions in Brazil have also changed the relationship with the individual and this article wants to understand how this adaptation indicates directions for a new conviviality of religious and sexual differences may be fundamental for the evolution of these theories. In Brazil's current scenario, this discussion becomes very important, and it can pave the way for a better understanding of social identities and how difference can become a path for a more just society for all, even if it means a strong resistance of religious identities. The relationship between these identities and postmodernity is based on a historical relationship between the evolution of the concept of "normality" within sociology, from Durkheim to the deconstructions of post-structuralism, all seen under the prism of religious conservatism.

Keywords: Identity; Normality; Religion; Queer Theory.

1. Introdução

Este artigo se propõe a entender o conceito de normalidade dentro da sociologia desde suas origens até as teorias mais modernas, como a queer e os estudos culturais, que revolucionaram a posição da identidade e das ordenações morais.

Usando a dissertação de Cardoso (2017) é possível apresentar uma pequena relação entre a religião e suas tendências mais recentes com esse caminho social que coloca a diferença como um atributo natural da socialização. Sua pesquisa faz uma análise sobre como um grupo religioso moderno, de jovens, interage com outras esferas sociais, a partir da teoria de Max Weber.

Essa dissertação também constrói um resumo muito bem apurado dos acontecimentos do Concílio Vaticano II. Esse processo de modernização das visões da igreja criado no Vaticano na década de 1960 permitiu o nascimento de religiões como o pentecostalismo, que chegou ao Brasil com muita força é o braço que liga o Grupo de Oração estudado em Cardoso (2017) com o Papa.

Para definir como a normalidade foi se modificando na percepção das ciências sociais, o artigo de Milkosci (2009) funciona como um ponto de partida para o entendimento das novas condições e aberturas que a teoria queer trouxe para o estudo do discurso social de líderes agentes dos fenômenos.. Sem esse entendimento, é impossível compreender a desconstrução que o conceito de normalidade passou nas últimas décadas, principalmente nos estudos sobre a sexualidade e as liberdades individuais. Entender que ter uma preferência sexual diferente é, fora da estrutura normalizante, algo natural e biológico faz parte do processo essencial para a refundamentação da discussão identitária dentro e fora da academia.

Para além da discussão sexual, a raça também é representada nas posições identitárias que reagem às estruturas que travam e retiram seu espaço dentro do convívio social. Mas essa

abertura depende de uma reavaliação de como o tema é tratado e da promoção de programas que coloquem minorias dentro da academia. Nesse sentido, o artigo de Guimarães (2008) bota em pauta exatamente a recepção de teorias que colocam a ideia da diferença em confronto com estruturas que definem o normal. A dificuldade que a teoria Fanon teve para entrar na discussão racial do Brasil apresenta muito bem como a conversa ainda é feita em bases arbitrárias no país.

A concepção da diferença passa diretamente pela forma como a individualidade é entendida. Se a teoria queer trouxe-a para o centro das discussões, o estudo de Oliveira (2005) demonstra que o mesmo movimento aconteceu nas religiões. As crenças deixaram de focar na relação que cada um tem com o coletivo, para entender e abrir espaços para a relação do eu com Deus. A fé não é mais um esforço puramente coletivo, mas sim uma espiritualidade interna, que se manifesta em cada um a partir de suas experiências e necessidades religiosas.

Com isso em mente, é necessário buscar o caminho para que essas novas posições convivam pacificamente, A diferença é um elemento essencial da pós-modernidade e a disposição que ela vai ter dentro desses novos limites e condições sociais vai ditar o futuro das ciências sociais.

2. O Normal na Sociedade

A teorização sobre o que pode ser considerado como “normal” no ambiente social é uma das mais amplas que surgiu no século XXI dentro das ciências humanas e do convívio social, superando algumas certezas racionais trazidas pelas correntes da modernidade. Na sociologia, Émile Durkheim foi o primeiro a propor a ideia de normalidade nos fatos sociais, logo na abertura dos estudos sociais como ciência. O autor francês buscava encontrar um caminho para formular um método preciso e positivo para o estudo das sociedades, e a criação do conceito de fatos sociais permitiu que a sociologia nascesse. Para criar uma metodologia positiva, capaz de distanciar o sujeito do objeto e definir formas para chegar aos resultados, ele ainda postulou que o fato social poderia ser patológico, uma anomalia dentro da malha de fenômenos.

Ele não pretendia criar uma teoria regulatória de como a sociedade deveria se portar ao definir a ideia de fato patológico, mas sim demonstrar como alguns acontecimentos são capazes de causar distúrbio na ordem social e provocar crises no funcionamento solidário da sociedade. Porém, a normalidade para ele ainda era definida a partir da frequência de um fato

social e a predominância dele dentro do convívio. Essa definição acaba por definir o normal como a maioria, ou o que acontece com mais frequência.

Desde ao menos Émile Durkheim, aprendemos a só explicar o social pelo social, mas o próprio mestre francês trouxe para seu edifício teórico uma oposição binária herdada de compreensões naturalizadas do social: a regra de categorização dos fenômenos sociais como normais ou patológicos... Assim, a Sociologia passou a investigar a sociedade tendo sempre como suplemento não-expresso o conceito de normalidade. Daí o paradoxo de a disciplina ter-se instituído como opção crítica às visões (naturalizantes) que justificavam a ordem social priorizando uma concepção normativa da coletividade, ou seja, flertando com a ordem, mesmo com seus olhos voltados para as margens do social. (MILKOSCI, 2009, p.172)

A crítica pós-moderna do estruturalismo, a partir da década de 1970, apresentou uma nova forma de ver o normal. Os autores desse movimento marcaram suas teorias com um importante esforço de desarmar as certezas e as estruturas sociais, indo no coração de suas condições e mostrando empiricamente o que motivou sua definição. O normal, a partir da visão desses autores da segunda metade do século XX passou a ser visto como uma definição arbitrária, construída por definições mais fortes que a própria solidariedade social e capaz de definir as formas de atuação dos indivíduos e estruturar tanto a ação como a forma como a cultura interpreta os seus eventos e agentes.

Dessa forma, foi aberto o caminho para o surgimento da teoria queer e de uma série de estudos sobre as identidades dos indivíduos nas questões sexuais e classificatórias dentro da sociedade. Em seu artigo, Miskolci (2009) apresenta como a teoria queer se propõe a uma quebra com as normatizações e a definições que geram efeitos de estabilidade e de certezas sólidas dentro da vida dos sujeitos. A normalidade, dessa forma, é também uma abstração definida arbitrariamente, que não tem nenhuma fundação estruturante além daquilo que é socialmente aceito e definido como padrão.

A igreja católica têm sido historicamente uma defensora dessas definições normalizantes e isso também a colocou, durante todo o século XX, em constante confronto com os movimentos sociais e suas formas de revolução social e identitária. Em Cardoso (2017) é apresentado como o Concílio Vaticano II, na década de 1960, em que as revoluções sociais e de direitos humanos se expandiram a partir dos Estados Unidos, já manifestava uma necessidade de atualização da forma como essa religião enxergava as relações sociais e o convívio com aqueles que não prescrevem a sua doutrina.

Quando Cardoso (2017) se propõe a estudar a relação de um dos movimentos que resultou do concílio a partir da teoria de esferas de Max Weber, é colocada em pauta a capacidade da crença em dogmáticas estruturantes e normatizadoras de conviver com uma

nova realidade, tanto social quanto individual, de aceitação das diferenças e promoção de liberdades sexuais.

3. Lidando com as Diferenças

Os posicionamentos e as condições sexuais são amplamente discutidos em contraste com o conceito de normal. A teoria queer abriu as portas de uma discussão que saiu da academia e entrou para o convívio diário das sociedades. Porém, a questão racial e cultural tem a mesma relevância e se inscreve neste mesmo dilema entre o que está estabelecido como normal e o novo, que procura seu espaço no ambiente que, previamente, era fechado para a sua identidade.

A raça é parte fundamental da questão identitária de um país como o Brasil, marcado por diversidade racial e cultural, com diversas vozes e identidades buscando representatividade dentro de uma tradição colonial, fundada sobre a imagem dos portugueses e de sua cultura. O artigo de Guimarães (2008) analisa como a teoria Fanon, peça fundamental da discussão de raça no mundo inteiro, foi recebida no Brasil. O resultado é a formação de uma sociedade baseada no objetivo de esconder as diferenças e de fazer com que elas pareçam secundárias a uma identidade nacional e um grande projeto patriota e unificador.

Evidentemente, Sartre e Beauvoir não encontraram no Brasil quem pensasse que os negros brasileiros fossem vítimas de racismo; encontraram, ao contrário, o discurso unânime de que a segregação dos negros era econômica e a luta libertadora deveria ser de classes. Não pareceram plenamente convencidos, pois, segundo Beauvoir, “o fato é que todos os descendentes dos escravos continuaram proletários; e que, nas favelas, os brancos pobres se sentem superiores aos negros”. Talvez. Mas o sucesso de Sartre no Brasil se deveu às suas conferências sobre o colonialismo e a necessidade histórica das lutas de independência dos povos do Terceiro Mundo (GUIMARÃES, 2008, p.101)

O conservadorismo brasileiro nesse tema é justificado pelas estruturas que definiam, na primeira metade do século XX, a forma como o novo e as diferenças eram tratadas, principalmente na parte social. Distanciar o vitimismo do negro era parte de um grande discurso nascido no começo da república brasileira e que se estende até hoje.

Por mais que esse discurso, a princípio, não crie uma posição de patologia com relação à diferença racial - o negro como o estranho, o anormal - ela reforça a estrutura do preconceito com um discurso que o nega, o coloca como apenas uma afeição e um vitimismo daqueles que são incapazes de sair da condição de morador de favela, entre outras condições alienantes que minorias sofrem.

Ao passar pela reação de diferentes momentos e espaços da academia brasileira à teoria social de raças e do anticolonialismo de Fanon, Guimarães (2008) conclui que só o movimento de entrada, mesmo que gradual, de negros nas universidades federais brasileiras pode fazer com que essa discussão se aprofunde e traga novos esforços capazes de gerar desenvolvimento no convívio de diferentes raças em um país tão diversificado como o Brasil.

Assim como os negros, a comunidade LGBT no Brasil ainda vive um processo de colocar suas diferenças dentro da academia e das discussões que vão permitir o surgimento de espaços iguais para discussão, que não ignorem a existência das diferenças, mas que a abracem e promovam o que cada diferença representa para o avanço da sociedade.

A religião católica também passa por mudanças similares na sua relação com as diferenças, dentro e fora dela. Em seu artigo, Oliveira (2005) traça uma importante fase dessas mudanças, que são marcadas principalmente pela nova forma como religiões e crenças convivem dentro do social, com seus limites cada vez mais turvos e com a aproximação sendo a marca registrada desse momento.

As diferenças na religião estão presentes na mudança entre uma crença do coletivo para uma relação individual com Deus. A aceitação da ideia de que cada um, a partir da relação que cria com os dogmas e com as formas de demonstração de fé, forma sua própria linha com o sagrado é uma atitude nova mas fundamental para as igrejas modernas. A pós-modernidade - vista aqui como o período de esforços para a desconstrução das estruturas, tanto na academia como no convívio - tem marcado a identidade pela diferença, e não mais pela forte coesão social que Durkheim buscava para explicar sua visão de solidariedade social.

A crença religiosa, portanto, funciona menos como um dogma a ser seguido, e mais como uma forma de representar o seu “eu” individualizado, dentro da fé. Novas crenças também reforçam a posição do eu como o elemento central da relação com a espiritualidade, e em Oliveira (2005) é possível enxergar que existem duas correntes que se contradizem sobre a posição da religião como estrutura social. Por um lado, alguns autores defendem que as mudanças sofridas no século XX alteraram completamente o extrato do dogma como forma de coesão social, e não faz mais sentido estudar a crença dessa forma. Por outro lado, a opinião é de que essa alteração só aponta para novas formas de realizar estudos, considerando exatamente essa nova relação entre o eu e o coletivo no empírico.

A identidade e a individualidade em relação à ideia de normalidade se amplia por todos os setores da vida social, e em Cardoso (2017) é possível enxergar que até alguns grupos mais conversadores e que ainda pregam posições como a castidade antes do casamento, a

proibição do aborto e que são contra direitos que hoje já são naturais aos homossexuais, se colocam em uma relação de individualidade em relação a própria fé. Mesmo que o Grupo de Oração estudado funcione como uma unidade, seus membros falam sempre com posições focadas na relação exclusiva com Deus, a fé e sua alma.

Outro ponto importante na dissertação de Cardoso (2017) é a admissão dos jovens pentecostais entrevistados de que são eles que estão em grande parte em uma posição de “anomalia” social, pelo menos na visão de que o normal mora em estar na maioria, ou no comportamento que é compartilhado igualmente por mais pessoas.

Eu acredito que você vivendo e buscando ser conforme Deus pede, o carismático ele tem que está em todo lugar. É lógico que ele tem que ter uma vida de oração muito constante e firme em Deus, para não ceder as tentações. Mas eu preciso ser cristão, eu preciso ser um jovem em qualquer lugar em que eu tiver, pode ser em uma festa, eu não posso fazer parte, aderir as coisas que aquela festa me oferece, é orgia, bebedeira e droga. Não, eu posso me divertir de forma saudável, de forma sadia, as vezes num lugar assim, sendo e mostrando que eu sou de cristo, que eu sou cristão, respeitando e amando as pessoas. (ENTREVISTADO 5). (Cardoso, 2017, p128.)

Portanto, viver com as diferenças e entender a posição das individualidades faz parte da essência do social desse começo do século XXI e a religião, como objeto de pesquisa, também deve ser entendida a partir dessa ótica, pois sua adaptação ao período pós moderno passa diretamente por essa nova interpretação do indivíduo. Em Guimarães (2008) fica claro como a religião ainda tem muito a oferecer para os estudos da sociedade, mesmo que seu papel não seja mais o mesmo, o de realizar uma coesão social em todos os sentidos e oferecer ordem para o convívio. Hoje ela pode ser interpretada como mais uma forma de representação das individualidades, um caminho para a criação da identidade nessa era em que as diferenças são celebradas.

4. Conclusão

As estruturas que definiram o que é normal passam por um processo de desconstrução que é constante e muito forte, podendo ser percebido tanto na sexualidade, na cultura, nas relações raciais e no envolvimento da religião com o indivíduo. As certezas da forma como ter coesão social foram abaladas e entender como buscar um envolvimento respeitoso e produtivo entre identidades que, a princípio, parecem se opor é grande desafio sociológico do século XXI. A teoria queer fez um importante trabalho de dar voz para as identidades que não tiveram durante os últimos séculos, principalmente aos homossexuais. O feminismo tem consistentemente conquistado vitórias para as mulheres, que já começam a entrar na academia e no mercado de trabalho, trazendo novos pontos de vistas e descentrando a conversa sobre a igualdade entre os sexos e as posições familiares. Além disso, as cotas raciais no Brasil

abriram as portas para milhares de negros e pessoas de baixa renda, que vão tirar a voz intelectual da mão absoluta de algumas elites e das maiorias, promovendo maior pluralidade nas discussões realizadas que vão surgir da teorização social..

A religião também tem oferecido um espaço maior para a diversidade, com as diferenças crenças aceitando posições opostas de uma forma a promover o respeito entre pontos diferentes. No Brasil, as religiões afro conseguiram conquistar mais respeito, movimento muito importante em um país com tanta história envolvendo escravidão e o racismo.

O rumo para um melhor tratamento das diferenças e de relações respeitadas entre todos passa pela aceitação das diferenças e pela soma delas. Não faz mais sentido acreditar que pela negação das individualidades será encontrado um ponto de encontro entre identidades opostas.

Referências

CARDOSO, B. D. *Religião, juventude e sexualidade: a recepção dos discursos papais no grupo de oração semeador*. 2017. 153 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. A recepção de fanon no Brasil e a identidade negra. *Novos estud.* - CEBRAP, São Paulo, n. 81, p. 99-114, July 2008.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 21, p. 150-182, June 2009. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222009000100008&lng=en&nrm=iso>. access on 01 Oct. 2018.

OLIVEIRA, Fabiana Luci de. O campo da sociologia das religiões: secularização versus a “revanche de Deus”. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 1-14, jan. 2005. ISSN 1807-1384. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/724>>. Acesso em: 01 Out. 2018.